

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## Um drama camiliano em Vilela Sêca

Novela pastoril — Uma paixão que não vê o mundo — O vencido que obtem o melhor premio — A alma torturada só procura desabafo — O classico e o eterno amor

Era pequenino e já lidava no campo andando atraz do gado a atirar pedras aos anhos perdidos entre as fragas. Gracil e desempenado, o António, com sua jaquetinha de saragoça, descalcinho, a bolsa do pascigo a tiracolo, levantava-se ao lusco fusco, reunia as ovelhas e guiava-as para a serra a acaudilhar o pastor velho que o ensaiava na vida.

Vinha da mais humilde gente da aldeia; a familia tivera que o dar a dias quando êle ainda mal caminhava e em casa do amo rico achavam graça ao garotete, vivo e bonitinho, contando, talvez, o lucro que lhe daria pela vida fóra.

Parecia adorar aquelas veredas que conduzem aos montes, perdia-se sob os choupos das margens do Tamega e à noite prendia-se numa vontade enorme de voltar para casa onde encontrava, na abegoaria, o abrigo nas invernias, aquecido no bafo dos gados e nos verões a palha fresca, à porta da arribana, para se estender ouvindo os velhos matutar sobre coisas do passado ou entrando já nos bailados, feliz, radiante, inocente. Inocente; eu não sei se quando se começa a querer a alguem, mesmo aos 9 ou 10 anos, embora se seja pastorinho, numa viloria transmontana, é, como o dos anjos, ingenuo o espirito que se entrega a tal arroubo!

Certo era o amor do António pela enteada do lavrador, seu patrão, a qual tinha mais dois anos e toda se dava à doçura da afeição do pequenito. Decerto se adivinha como êle mostrava que lhe queria. Naturalmente,

como um desses idilicos amantes pastoris, ofertava-lhe o melhor que podia colher em suas excursões montesinas: flôres dos campos entrelaçadas com cuidados, favos roubados com perigos, pedrinhas brancas do leito dos regatos, fructos gandaiados nos pomares visinhos, os passaros caídos em engenhosos aboises e o seu coração manifestado assim e que a Antoninha aceitava abraçando-o, beijando esse infeliz, sem beira e sem norte, que ali vivia ás soldadas do padraço dela como um servo dos que comem o pão regatinhado, gente de labuta com destinos de envelhecer acangalhada.

Ao começo causou riso aquela adoração do rapazelho, achou-se graça aos disvelos de que cercava a menina; as visinhas, sorrindo, achavam que começava cedo o pelem, e êle, quando na serra pascia o gado ou andava na ceifa nos plainos, tudo quanto de belo via, e ouvia as montanhas azuladas no fundo do horisonte, as aguas claras, o canlico das aves que passavam, tudo quanto Deus ao mundo deitara, lhe parecia feito para ela. Devia ser o amor classico, o eterno. Ao domingo, o António na igreja ou na romaria do Senhor dos Milagres, lá ao alto, junto do cemiterio, quando a vilória ebrifestiva folgava não pensava senão na sua querida.

António e Antonia, Deus os ladara desde pequeninos para se crearem juntos numa aldeola; habituaram-se a vêr-se e a querer-se e todos os estremecimentos das suas almas, as primeiras impressões de seus cerebros, os iniciaes arroubos de seus corações foram unisonamente sentidos. Quizeram-se assim porque viam pelos olhos um do outro, imaginavam pela mesma impressão e na sua grande sensação natural, extranhos aos preconceitos, pensavam que se casariam. Teria ela dezasete e êle quinze anos e não viam mais do que a continuação da vida, adorando-se, entre aquelas fragas, ao lado dos velhos satisfeitos por a acharem radiante.

A Antonia esquecera-se, ou antes, nunca se lembrara, que era rica; o António olvidara, ou antes, nunca meditara, que era um pobretana. Servo dos mais rijos na faina bem se sentia quando o mandavam ás tarefas dificeis mas fazia tudo, as cousas peores de tratar, sob os soes ou sob os nevões, não porque procurasse guindar-se, mas porque tudo era feito com o pensamento nela. Lidava para a casa da menina, da herdeira, da querida e assim como para o seu espirito cousa alguma era suficiente nem suas flôres, nem seus seixos coloridos, tambem para sua riqueza augmentar nenhum suor de seu rosto considerava mal empregado.

Se lhe pedisse sangue, o António, regaria com êle a arvore cujo fructo apetecesse.

Era formosa e na aldeia os rapazes ricos rondavam-na; sabia ser linda mas só ao seu amiguinho gostava de o ouvir dizer. E os anos passavam e êles não deixavam de se olhar, já sob os reparos das velhotas, já sob os ditos alheios. A intriga fê-los acordar.

Ora o raio do fedelho, do creado, então não se alçava para a menina, para a filha do patrão?

E o que fôra gracil passava a ser horrendo. Ora o pangaio! O pobre-tana!

Um dia o lavrador poderoso — o padraсто da Antónia — chamou de banda o moço e expoz-lhe, rudemente, a sua opinião ácerca do que considerara até aí uma brincadeira mas que, pela idade de ambos, já começava a dar que falar.

— Deixasse de lhe rondar a entrada, ou então, pegasse na trapagem e puzesse-se com dono, porque...

Naturalmente não lhe disse o que pensava e era que a rapariga, bonita e de teres, não era para os braços dêle, labroste de carregó, bom para acrescentar riquezas a quem viera ao mundo para as gosar, mas não para partilhar de um prazer. Reservava-a para outro, para algum de bom pé de meia, gente mais puxada do que um melcatrefe da aldeia que fôra para a sua casa de cueiros e ranhoso e agora começava a enfeitar-se de galo de luxo para a galinha gordinha... Cautela com o fueiro ou juizo...

Humildou-se, o António. Preferiria tudo a deixar de a vêr e embora não lhe falasse era nos logares onde ela vivia que habitava, a voz da amada que o ouvia, a sua sombra que passava sob seus olhos. Nunca adeantara além de Chaves — o mancebo —; para êle a vila representava o inferno porque o mundo era aquela aldeia, pois a Antónia ali vivia. Jurara, talvez, nunca mais a conversar mas os amantes não cumprem senão os juramentos feitos um ao outro e embora o amo — o padraсто dela — tivesse muita autoridade, o amor é de muito mais respeito.

Encontravam-se mais a medo e, por consequencia, com maior delicia. Ela chegou a engendrar uma fuga, de noite, por esses caminhos sem fim, direito a Espanha. Viveriam como trabalhadores, pois tinha disposições para a lida; êle jamais fizera outra cousa. Com as arrecadas, os grilhões, o seu ouro, D. Antónia — como já lhe chamavam — partiria e seria feliz. Mas amava a mãe, sentia-a a desolar-se, a morrer, talvez, se ela fugisse. Acharia desonra o seu passo e esse levante no campo, para matrona de outro tempo, seria a morte. O duro, o inflexível, o que a queria dar a um rico era o padraсто... A um rico?

E para ser rico o que era preciso? Uma duzia ou duas de contos, uns aceios, apparecia... E se êle fosse procurar a fortuna? Que planos deviam ter feito ambos, antes que o António se dispuzesse a partir para o Brasil á cata da boa fortuna!

Sucedeu sempre a mesma cousa nestes amores romanticos de princesas ou de filhas de lavradores. O namorado parte, mas em vão, á busca do vélo de oiro.

Na viloria riram do rapaz que se alirava para o caminho dos Brasis; ela ficou chorando, o padrasto descançou e tratou logo de pôr entre ambos uma distancia maior que o oceano: o casamento da enteada.

E' assim que se depara a nossos olhos a scena torturante daquela aldeia transmontana.

Ela, no entretanto, resistia, esperava, queria saber apenas do homem a quem jurára amor; todos os outros a deixavam indifferentes e devia ser para ambos um tormento sem fim aquella separação em que nem o homem trabalhava, sempre com medo que lh'a roubassem, e em que a mulher só desejava a rapida volta do querido, vê-lo, senti-lo, como desde a infancia, no gracil e doce romance que durava havia tantos anos.

Foi num final de abril que o Antonio voltou. Vinha mais pobre do que partira. O exilio tornava-se-lhe adverso. Ali chegava à aldeia, envergonhado, vencido, rangendo os dentes, ocultando as lagrimas.

O labroste bem sabia o que se passava. Um aviso que partia, talvez, do seu proprio coração, mais do que letras amigas, lhe leváva a certeza de que os rapazes abastados dos arredores andavam a formar projectos de casamento com ela, tão linda, e tão sua amiga. A familia apadrinhava os que mais tinham; era sempre assim e ele, o amado, o querido, o humilde, mas o que ela amava desde a infancia, não passava dum trapo, dum miseravel bom para puxar carros e para aumentar a riqueza alheia a trôco da brôa.

Tem lá direito a desabafos de coração a ralé sem eira nem beira?!

Entrou outra vez de soldada para casa do rico lavrador que já escolhera genro, homem de negocio, todo preso nos encantos da moça e nos haveres dos pais porque esta gente de ganhar raramente usa singelezas da alma.

Faz tudo por partidas dobradas.

D. Antonia ia casar mas não entregaria ao noivo o corpo virgineo que ao seu escolhido prometera. Pertencia-lhe; lançava-se nos seus braços. Recrudescera a paixão ao vê-lo voltar mais triste, desprezado, batido pela adversidade. Tornára-se violento aquele amor nas ardencias das contrariedades e do verão transmontano. Adoravam-se mais; esqueceram-se a amar-se. A filha do rico lavrador foi a amante do servo. Fez-lhe o dono real do seu corpo puro, dos beijos que eram só dele. E o pobre, reduzido à sua condição de moço de gado, cheirando a redil, libertando-se de sol a sol, por esses meses abrazados, era mais feliz que o noivo da sua amante com seus oiros e rentações de riquezas.

Cada vez que pensava no consorcio, nessa noite da bôda em que o outro a levaria para o leito, a guardaria para sempre, Antonio sentia referver nas veias todo o sangue dos primitivos serrenhos ante os rivais;

amaldiçoava a vida que o tornára um humilde e a hora em que a Antonia nascera abastada e, no fundo da sua raiva, cada vez mais baixo, mais desditoso, entrevia já o instante em que a voz do outro, do marido dela, tomaria insonações de amo para o chamar, a dar-lhe ordens, a castigá-lo, a despedi-lo.

Ondas de sangue catapultavam no seu coração; subiam-lhe ao cerebro em cachoeiras, zumbiam-lhe nos ouvidos, turvavam-lhe a razão; via tudo vermelho, tinha zoeiras, ancias de matar e ao mesmo tempo de chorar imenso, afogar-se no pranto de seus olhos torturados que só coavam essa vermelhidão dum mar onde o odio se debatia. Era assim que ele chorava as suas lagrimas de sangue.

Um dia exacerbou-se; sentiu ser demais o sofrimento que Deus lhe mandava e, de dentes apertados, talvez depois de grandes beijos de amor, nalgum recanto da arribana, por deshoras, amaldiçoou-se. A amante contava-lhe que estava grávida e não haveria mais maneira de ocultar ao marido futuro a perda da virgindade. Era tarde para recuar. Que fazer? Que passo dar?

Todos, menos o dele a possuir e para demais com esse filho no ventre.

A mulher talvez pensasse na salvação da sua honra aos olhos da aldeia e acalentasse a esperança de continuar a dar-se ao querido até ao momento da libertação; o homem — ia jura-lo — só sentiu que o outro se deitaria com ela no leito, a beijaria, lhe perdoaria, talvez, aquele desaire porque era linda e rica e, sua mulher. Talvez a amasse bastante para lhe perdoar e querer como seu ao filho do creado, o qual iria para longe, fugido, quem sabe se escorraçado, deixando atrás de si, nas sombras dessa aldeia, todo o seu coração cheio de amor e o fructo que viria ao mundo! E se a Antonia viesse a gostar do outro?!

Tudo se apressava. No dia do casamento civil devia reterver uma catarata do inferno no peito daquele homem. Faltavam só algumas horas para o enlace religioso. Bastava decorrer aquela noite apenas...

Felicissimo o marido, falava á mulher, debaixo da janela no silencio e no escuro. Por mais extranho que pareça era assim, na vespera de a levar consigo, que eles se conversavam. Talvez lhe falasse dos beijos apetevidos... O outro rondava de pistola engatilhada. Tambem devia apeteecer beijos. Não se conteve; cegou, disparou a arma, no começo, pode ser que para salvar a amante da deshonra, depois para se vingar, num arranco ciumento que o homem do nosso tempo herdou do seu avô das selvas. E' que lhe deu cinco tiros e, ao vê-lo por terra, o ultimo, num ouvido... para que jamais escutasse a voz da Antonia.

Acorreu, então, aos gritos dela, depois de ter fugido para se esconder e ajudou, com outros, a levantar o ferido. Não lhe causava pavor aquele sangue; o que ele queria era a mulher, agora mais sua por aquele conjugio de crime.

Antonio — o pastor — não sentiu remorso. Aqueles tiros aliviaram-lhe o coração. Preso, com ela, sabe na cadeia visinha, a sua amada — a mãe do seu filho — e pensa que o destino os casou, nos beijos, no amor, no crime, na infamia e no degredo, para onde irão ambos, cancelados de horror mas sem que os separem no seu grande anseio. São novos. Após vinte anos de África ainda mal terão quarenta anos! O homem não chora, decerto, a victima; se lagrimas brotam de seus olhos é porque não vê a amante tão perto de si quanto o desejava.

O outro morreu, passou. E nesta singularidade do mundo preconceituoso o cadaver é a victima sacrificada aos instinctos ferozes dum labroste que amava a sua menina. Todos os pezares da aldeia serão para o assassinado — o senhor rico — que procurava roubar a noiva a um pobre, a um humilde, a um sacrificado, que desde a infancia a amara e só não foi feliz porque não tinha dinheiro.

No carcere o criminoso vive com mais esperanças do que se a querida tivesse casado. E' assim o sentir de quem ama; preferé matar, mergulhar no sangue, contanto que ninguem mais toque no objecto do seu amor.

E vão lá dizer aos filosofos e aos reformadores que mudem esta sensibilidade extranha, dum egoismo, feito de dôr anciente, a qual vem de tão longe quanto de longe o mundo vem...

Este Antonio Cruz — vá lá o nome todo — é apenas um amoroso excitado como D. Antonia Galvão — vá lá o apelido — é a mulher em todo o seu arrojo — levada pela violencia do bem querer, sacrificando tudo como outrora, no começo das sociedades, se seguiam só os embates das paixões.

O que se leu — agora decerto o sabem porque os jornaes se aposentaram do caso — não é um trecho sentimental de novela á Camilo, umas paginas doloridas para fazer verter lagrimas. Foi uma realidade; passou-se quasi todo assim, não numa aldeia de Napoles a gerar dum ciumento, Miguel Pezza, um bandido celebrado e uma opera — um *Fra Diavolo* — a perturbar as almas mas aconteceu, ha semanas, em Vilela Sêca, na região trasmontana, sobre o Tamega, nas vizinhanças das terras adustas.

Sucedeu essa tragedia de amor numa epoca em que se põem de lado novelas do velho tempo em que prepassam destas scenas com meninas contrariadas e apaixonados partindo para o Brazil. Os do mestre Camilo voltavam sempre para a felicidade com as malas atochadas de ouro, este, o de Vilela, regressou mais pobre do que fôra, e no entanto, em todo este episodio trasmontano — de dôr, do crime, de paixão — o que prepassa num grande fremito camiliano, é a vida, é a verdade, é o eterno arrepio da fêmea, sempre, e atravez de tudo, a maior sensação da existencia.

## Na Sociedade do Canil

**Diversas especies de cães. — Os donos e os rafeiros. — Os ladridos e as arremetidas. — O cão independente e o atrelado. — Mordeduras que fazem bem**

Ha uns senhores muito positivos, domados de nervos, gente de tudo fazer a quem bem lh'o pagar, que chamam doidos aos que vibram e acabam sempre por lhes futurar mau fim. O menos que adregam encontrar para os afamar é apodo de tolos, atirado no ar desdenhoso com que cães de matilha nedia ladram ao barbeta independente e nobre que não deixa de se atirar a uma canela mesmo quando a mão do dono desta lhe estende osso de vaca, embora com algum tutano, desde que saiba ser para o vencer que o presenteia.

A sociedade portugueza é quasi exclusivamente uma matilha; ladra afincadamente e pelo mesmo motivo. Vive atrelada com os mais diferentes atailais e ao busque-busque do dono ela aí vai de dentuça arreganhada a desencovar caça, para lhe trazer, a troco da malga dos sobejos onde mergulha o focinho sempre em cata de vianda.

Em cima, nas largas janelas dos salões, os amos, a duzia e meia que domina, gargalha e os rafeiros voltam-se lambendo as beiçorras e ganindo de rabinho a abanar em goso. E' vér qual o que salta mais alto, o que fórma melhor pulo, tem latido de mais sonoridade para ser notado pelo patrão, radiante por tão pouca despesa com tanta variedade de canzoada.

Para este canil nacional todo o que altear mais a voz é o rebelde, é o doido, é o discordante, é o insafisfeito, é aquele que não quiere comer da mão generosa para o qual anda a caçar e que lhe dá os ossos do festim com algumas lategadas nas lombeiras.

Entre essa atrelagem, porem, ha sempre o instinto baixo, rasteirinho, de lingua pendente, mostrando bons dentes, mas applicando-os apenas em devorar restos e chega a tal ponto a sua subserviencia que muda facilmente de senhor.

A's vezes é o proprio animal da rebeldia, desprezível e enxarcado de lama da má cania das valetas, esfaimado e raivoso, de instinctos ousados e de focinho levantado que se engrimpa, trepa, conquista, quasi paira como se por sua allivez tivesse merecido as graças da fortuna. Então, a cãesuada aproxima-se do tonto, do desvairado, no melhor

dos casos, romantico — sinonimo de alucinado — e, começando por lhe lambem as mãos, acaba em todos os monturos á espera de lhe merecer um olhar, mesmo distraído, mesmo vago, olhar de esmola que um ser altivo relancea uma a besta inferior.

Pretende imita-lo em seus ares e seus modos, faz-lhe uma publicidade de ladridos ôcos, fingidos, e acaba por, mecanicamente, dar os seus passos, seguir a sua rota, sem alma, miseravel, caninamente. Atrás dos perros chegam os homens, os donos, os que atiram os ossos das caçadas pingues, os mastigados das mesas, o que os sabujos forneceram e é de vê-los tambem a fingirem fazer como o vencedor, a desejarem agradecer-lhe, querendo tanto saber dos motivos a que ele obedece como no velho Egypto os escravos procuravam desvendar as razões porque os crocodilos eram sagrados.

Chegar ao victorioso, seja genio ou rafeiro, mostrar-se a' seu lado, dizer que com ele se comeu em pratos d'oiro ou na conca dos restos, é o que se busca porque o poder, esplendente como um nababo ou humilde com um santo, para esta matilha pervertida, é apenas um meio de devorar o seu osso com quanto mais carne melhor.

No fim, o que move toda a sociedade — os homens e os seus canichos — é a ancia de não estar por debaixo embora o finjam se assim convem à sua tactica de momento e daí o não ser de admirar, no começo da republica, os latidos dos cães na vespera a sopetear nas ucharias régias, contra os foragidos da parceria e que voltavam o dente.

O mesmo sucederá amanhã — socegum os perros rubros reivindicadores — se acaso vencerem e decretarem o pão negro dos spartanos para a matilha habituada ás buscas dos tavolas de finos venadores.

Para que não lhes falte este, ladrarão como os de mais audacia até á hora em que lh'o tirem dos colmilhos para os deixarem á fome. Esperarão sempre os amos por sua vez.

Farto de tratar dos homens por suas classes e seus gestos entrei e encarar a maioria como singelos cães que obedecem sempre a donos a que não podem vêr um semelhante de pelo mais erriçado, de pressa mais afiadas, de ares mais independentes que não o imaginem ou hydrofobo ou indigno de pertencer ás socegadas classes dos cãesinhos citadinos.

O deixar roer em paz as grandes peças de polpa para que lhes caibam esquirolas de ossos é a formula no canil português e como, por via de regra, jámais está farto o animal desta especie, continua sempre a fazer todas as vontades ao que lhe atira tripalhada, bodega, num regabofe de detrictos e de nojos, a fim de que jámais lhe falte a pítança.

Tenho reparado muito nas gentes ultimamente e embora, algumas sejam mais lindas do que os perdigueiros, não os valem e ainda menos aos belos exemplares de independencia e de brio que não se chegam nem aos que distribuem nem aos que lambem as mãos, os pés, as enxundias, os baixos dos distribuidores.

Esplendidos animais de arremetida! Esses, ao menos, quando se dão não voltam atrás. São os que sabem morrer ao pé do amigo e se lançam nos perigos para o salvar; são os que mudaram a face do servilismo conscio para crearem a comparação, em todo o caso favoravel á sua especie, entre si e os homens enformigados, no seu carreiro, trabalhando para enriquecer quem lhes lança apenas migalhas e odiando quem pretende desmanchar essa passividade.

De quando em quando um mais arteiro — cruzado de raposa —

emparelha-se com o titulado de rebelde, de louco ou de romantico e procura captá-lo mas se ele é de raça só apresenta as presas fortes na sua bôca arregaçada de modo a lembrar um riso escarninho.

Diz Anatole que se os macacos tivessem dinheiro tambem possuiriam as mulheres.

Numa sociedade de cachorros humildes basta acenar com uma bucha para se possuir a matilha. E' bem peor, porque se uma mulher pode amar um selvagem não percebo porque não lhe será possivel dar-se a um simio, a troco de bem fornecida esportula.

Atinjo melhor este horror do que a entrega de um ser pensante, inteligente, ás vezes, a um argentario por um bocado de pão barrado com mais tutano que o da minguada, e ás vezes problematica, ração do rafeiro independente.

Em todo o caso, são adoraveis esses triunfadores por conta alheia, esses bandatarios dos negocios, esses atrelados aos donos das grandes explorações quando se defrontam com os pobres de sustento mas ricos de dignidade.

Nunca viram? Lambem-nos mais do que propriamente aos amos, isto por uma sentida inferioridade, por um instinto da especie.

Ah! como numa sociedade-canil é bom ladrar e arremeter ante uma atrelada misera de impeto, farta da malgueira balofa e de ladridos ôcos!

Ha dias um grande capitalista, da nova camada dominante, tomou um numero deste panfleto das mãos de um amigo e como se tivesse tocado materia candente largou-o logo, pasmado do outro comprar as folhas humildes onde a verdade perpassa mais do que as galas acolcheteadas e adelaidescas duma literatura de espartilho e insexuada.

Dai a pouco apresentavam-me ao homem e o que eu ouvi de seus labios, em elogios e amabilidades, espantou-me, sobretudo após o seu gesto que julgava de meus olhos desconhecido. Mais valera que me insultasse.

E, então, falei como panfleto mais ousado, cheio de baldas que lhe acertavam, de carapuças que lhe cabiam e só o via aplaudir, acenar, contemporisar na banquetta onde ia a meu lado para uma viagem larga.

A cada lambuzadela de mais baba eu arreganhava os dentes, e devia haver nos meus modos, naquele abrir de bôca, o ar do que parece um riso e é uma certeza de morder.

## A fuga dos "camaradas"

**O maximo da força contra a vontade — As  
masmorras e as evasões — Como a policia sa-  
bia do que se tentava — A audacia e as bayo-  
netas — A vitória dos revolucionarios sobre o  
governo.**

Onze operarios, acusados de inimigos da sociedade, fugiram da casa mata de S. Julião. Ficaram ainda mais quarenta e tantos nas masmorras como desdenhosos da liberdade. Estavam no fundo duma fortaleza vasta e vetusta, lançada sobre o mar e com paciencia de aranhas, tecendo a sua doce teia, foram arrançando os meios, e bem fracos, de sairem dessa caserna subterranea, arriscando-se à morte nas escarpas e aos tiros das sentinelas.

Não é o forçado rasgão para a liberdade que admira neste lance, porque mais romanticas evasões conta a historia dos prisioneiros em todo o mundo; o que causou sensação foi o alarme que tomou a cidade.

Em mim, porém, a impressão é diferente. Não quero, sequer, aventar, nem de longe, a idéa de cumplicidades; não me agarro á facil toada de um desleixo de officiais e soldados para verberar instituições militares. A minha pratica destes episodios é menor de que a experiencia, vinda de narrativas, em que ha sempre, por tais aventuras, alguma cousa a ferir as imaginações.

A maneira como as cousas se passaram é de molde a imensas conjecturas e uma delas — a dominante — é a comprovativa de que esses onze homens, atirando um desafio ao governo, o venceram. Vencer quer dizer ter mais força. Neste caso é, até mesmo, subjugar.

Recordam-se, decerto, das noticias dos jornais em que se revelava andar a policia em procura de um bando revolucionario, o qual, recolhido nas cavernas da serra de Monsanto, em noites sucessivas, deliberara soltar os presos de maiores responsabilidades, os destinados ao degredo. Tinham o ar de chapa essas notas dos informadores do governo civil; havia uma semana que, dia a dia, se tratava do caso, se anunciava, se

he dava uma vasta publicidade. Chegaram a fazer batidas ao monte, e os homens, dedicados a essa missão, esvaiam-se como duendes, perdiam-se como phantasias.

Os da secreta souberam da sua existencia e dos seus ousados designios, chegaram á convicção da sua pertinacia e nas noites dos policcias não houve socego e na sua febre não houve intermitencias. Possuiam tanto a certeza do passo que o denunciavam aos jornais como a quere-m tornar mais retumbante a sua vitória. Prender os ousados que determinavam dar o golpe no seu prestigio era um triunfo ao qual não está habituada a «segurança do estado», é assim que se chama ao núcleo de agentes a este genero de vigilancias destinado. Elucidavam o publico. lam, decerto, enclausura-los.

Esta é a versão animosa para o governo. Ha, porém, outra que parece mais logica e tambem mais fortalecedora para os revolucionarios. A de que houve na policiagem quem desse a informação aos jornalistas. Esse alguem pode ser um cumplice atirando um aviso ou simplesmente um leviano narrando segredos. Em todo o caso, soube-se que se preparava a fuga e ela deu-se. O acto tornou-se mais teatral.

Desde que não apanhavam os que queriam soltar os detidos, era natural despender maior atenção sobre os que desejavam liberdade, e, naturalmente — a não ser que o governo seja servido por ineptos ou por amigos dos rebeldes — essa ordem foi dada.

Num momento, como num espectáculo, esperava-se o desenlace. Quem venceria? Os que de tudo dispunham ou os que, na apparencia, nada mais tinham que a sua audacia?

De um lado, um estado organisadissimo com suas fortalezas sobre penhascos, atalaiadas por soldados de armas carregadas e patronas atulhadas de cartuchame; officiais fieis ás instituições, distintos servidores da ordem; bocas negras de peças assestadas para as aguas e portões solidos, de bom ferro, fechados por enormes chaves que rangem atroantemente sob as abobodas das casamatas; carcereiros sabedores e ladinos, afeitos áquella tarefa desde ha muitos anos. Em volta dessa torre que desafia as iras do mar, do tradicional presidio politico, todo o Campo Entrincheirado, do alto de cujos taludes soldados gritam os seus áletras na suavidade das noites. De um lado todos os feros da ordem, o poder, o mando, a lei, a ordenança mandando descarregar sobre quem audaciasse um passo fóra daqueles muralhões. Seria o fuzilamento legalissimo. De um lado o maximo da força. Do outro lado, alguns operarios desavindos com a sociedade, irritados com o meio, conhecidos como agitadores mas manietados, conduzidos com algemas nos pulsos — as argolas do arsenal da policcia para os perigosos — emfim atirados para o escuro da prisão com um ai aliviado dos carcereiros e dos governantes.

Recheadas aquellas paredes fortes, com essas cornes de rebelião po-

der-se-ia dormir em socego porque — pelo menos assim o pensavam os seus detentores — poucos elementos possuíam contra os superiores poderes de que elles dispunham.

Certísimos da impenetrabilidade das paredes, a certeza de que não as transporiam enchia as almas de doce goso de vitória.

Toda a gente o compreendia como os governantes, como os ministros, como os encarregados de zelar pela ordem.

Que podiam elles tentar contra a lei que os guardava com balas, baionetas, fardas, casamatas, gradões e muralhas escarpadas e altíssimas?

Para demais, arremessar setenta presos para uma enxovia, cavada num rochedo e guarda-los com militares, era desfazer duvidas de que semelhante quantidade de gente não se ia esvaír como um suspiro solto num momento dolorido e que se perde levado na aragem.

Podia-se, regaladamente, socegar. A sociedade que dormisse porque o governo, paternalmente, velava.

Para sufocar revoltas, basta prender uma centena de agitadores; para aumentar o preço do pão é bastante guardar cem homens á vista.

E, todavia, por uma madrugada, em que, para demais, havia luar, em dourado reflexo nas aguas marulhantes, aqueles homens fugiram. Tinham rasgado os panos das enxerga, ligado umas ás outras as tiras como em todas as sortidas classicas, limado os varões grossos das janelas enquanto as ondas espumantes abafavam o ruído das serras e embalavam os sonhos das sentinelas.

Respiraram, após, o calor ardentíssimo daqueles dias de presidio, a lufada fria da noite estrelada, e, desceram pela escarpa, passaram para os rochedos, depois para a nesga loira da areia, e, ávidos do goso da liberdade, meteram para os povoados, onde os banhistas dormiam o desconçado sono aconselhado pelo governo vencido.

Vencido, sim, porque, após os avisos, os entrincheiramentos, os cuidados, as armas, largar duma masmorra subterranea para a rua, sem deixar rasto e não contando senão com alguns maus panos de enxergas, é o inacreditavel, é sair da realidade de um carcere profundo para a legenda vasta.

De hoje em diante, todos os prisioneiros podem ter esperanças, a todas as almas de encarcerados pode ir a luz porque o que se realisou não foi uma evasão de acaso mas o aniquilamento da força, da ordem, das precauções, das baionetas, dos alardeantes e formidaveis arsenais do poder produzido pela vontade e pela audacia.

Sim, porque se não foi isto, a conclusão é peor, e nesse caso, a sociedade que o governo diz defender pode considerar-se entregue a quem não sabe vigiar e esse pavor vai acometê-la ao deixar de ter confiança naquelles que mandam e possuem tantos e tão aparatosos fortes os quais nem para gaiolas de grilos servem.



# O Libelo da Moagem

A exploração dos gananciosos — As delapidações colossaes — Como se corrigem os erros do passado? — A impunidade dos crimes — A singular situação do governo ante um libelo

Se houvesse duvidas acerca dos roubos praticados pela Moagem o ministro da agricultura, com as suas palavras concretas e honradas, tira-las-ia. Disse ao *Diario de Lisboa*:

«CALCULE QUE A MOAGEM COMPRAVA O TRIGO A OITO TOSTÕES E VENDIA-O A QUINZE PARA A PROVINCIA.»

Um bando instalado em magnificos escritorios, habitando soberbos palacios, viajando em luxuosos automoveis agarrava no trigo, que era nosso, produto do dinheiro do país, e tornava-o seu — ou antes roubava-o — por semelhante trafico.

Escolhera bem a sua posição; tomara a seu soldo deputados, montara portentosas maquinas de defeza e, de repente, dum modesto padreiro nascia um millionario.

E' esta a confissão de alguns politicos. A ultima — a do senhor Joaquim Ribeiro — é edificantissima.

Acabou, o dirigente da agricultura, irizando a deshonestidade dos moageiros e agora, pergunto eu, o que tenciona fazer-lhes. Pela lei, foi a esses maniganciadores que se entregou a alimentação publica. De ora avante eles poderão fazer o pão de todas as especies, importando o trigo e negociando-o. Quer dizer mergulharam-nos numa caverna. Desde que o ministro os conhecia — e varias vezes o mostrou no parlamento — devia ter-se acautelado de começo. Era impor-lhes, desde logo, o pão tipo unico que o operariado, e todos nós, reclamamos mas ainda com as seguintes restrições:

*As fabricas onde se trate da farinha destinada a pão legal não pode preparar outra.*

*Fica-lhes interdito o fabrico de massas.*

Deste modo acautelam-se fraudes e tiram-se-lhes os lucros loucos que tornaram riquissimos os homens que o ministro capitula de «deshonestos».

Por causa de se ter visto a ganancia com que eles fizeram a tabela do preço do pão, aprovada no ministerio imprevidentemente, é que se gizou um movimento de classes o qual só foi sufocado quando o senhor

Afonso Costa chegou da Serra da Estrela e, diante dum bife em sangue, no gabinete grande do Tavares, deu os seus conselhos violentos.

No fundo, primacialmente, os culpados de toda esta agitação da fome desde ha anos, os causadores da ruina do paiz, teem sido os moageiros com suas ganancias e a prova é a sua enorme riqueza. São todos milionarios. Os seus palacios deslumbram. O povo parece ignorar isto e lança-se em lutas extravagantes num entrechoque de que eles se riem. Mas junto com estes extorquidores da riqueza publica, ao lado deles, sendo, senão seus amigos e socios, ao menos seus protectores, estão todos os governantes que os teem deixado enriquecer.

O senhor Joaquim Ribeiro declara que a *MOAGEM COMPRAVA TRIGO A OITO TOSTÕES E O VENDIA A QUINZE*; e eu afirmo que houve quem *OFERECESSE AQUELE PRODUTO MAIS BARATO A VARIOS GOVERNOS QUE O REPELIRAM*, parecendo existir um conubio de altos empregados do estado com esse bando alibábico dos *Quarenta*.

Ao mesmo tempo nomeou-se uma comissão para inquirir dos desonestos lucros da Moagem. Até hoje não disse cousa alguma; perdeu-se, sumiu-se. Apesar disso o ministro sabe dos crimes dos *honrados industriaes* e ataca-os com estas palavras reveladoras:

«*AGORÃ HADE GANHAR, TAMBEM—NEM PODIA DEIXAR DE SER—MAS AO MENOS, OS GANHOS HÃO-DE SER HONESTOS. AHI É QUE BATE PONTO.*»

Ante o pasmo do jornalista, o titular da pasta, limpidamente, altivamente, com o desassombro dum homem digno, falou mais alto:

—«*AINDA HAVERÁ QUEM IGNORE QUE A MOAGEM, ATÉ AGORA FAZIA LUCROS DESHONESTAMENTE?*»

Condemnação terrivel é esta feita no mesmo impeto a que o senhor Antonio Maria da Silva vae chamar *leviantade*, e vinda dum politico da fauna diversa daquela onde ele medrou.

Havia quem não julgasse desonestos esses homens? pergunta o ministro admirado que isso possa acontecer, isto é que haja alguém tão ingenuo ou tão longe do mundo que o ignore.

Parece, porem, que os altos poderes do estado não devem ter esta impressão.

Ha pouco ainda a Moagem, ou alguns dos seus mais nomeados membros, inaugurou uma fabrica modelar, ao que disseram os jornaes, e quem appareceu a presidir a essa festa, quem pôs em movimento a sua primeira maquina foi o presidente do Senado, um general do exercito portugûes, um politico categorizado do regimen, comensal e amigo intimo de um moageiro celebrisado. O chefe do governo assistiu tambem; deslumbrou-se e entre os donos do estabelecimento houve quem desafiasse os inimigos, aqueles que os acusavam de delapidações. Toda a gente se calou; as vozes emudeceram ante a attitude do riquissimo industrial, entusiasmado com o empreendimento, sentindo o mundo a seus pés, principiando no governo e acabando nos jornalistas, vendo os operarios a embriagarem-se num agape colossal, falhos de dignidade profissioral — o que a *Batalha* verberou —, compreendendo que ante tanto ouro ninguem responderia à sua audaciosa diatribe.

A calada foi geral. Os ministros estavam de rastos; chancelavam, com a sua presença, aquelas palavras habeis. Mas de repente, surge um colega do gabinete, o senhor Joaquim Ribeiro, e não se coibe. Parece vir

responder, embora tardiamente, mas, emfim, quando poudes, a quem soltava as imprecativas palavras.

— AINDA HAVERÁ QUEM IGNORE QUE A MOAGEM FEZ NEGOCIOS DESONESTOS?

Ninguém o ignora, mas essa gente dispõe de uma força poderosa. Quando um povo se ergue a condena-la ela prospéra, funda mais elementos exploradores, lança mais poeira nos olhos da turba e os governantes jantam á sua mesa.

Temos a certeza que o ministro actual — que repetimos — é um homem de bem, não teria aceitado um logar nessa formidavel festa desde que pensasse como agora demonstra em seus dizeres.

O senhor Joaquim Ribeiro veiu inaugurar uma politica nova: a da sinceridade. Diz abertamente o que pensa, age como diz. Não deve ter uma longa vida ministerial, na atmosfera mefítica onde actua, mas alguma cousa tem ainda tempo para fazer porque sem isso resultará inutil o seu esforço.

O pão tipo unico, ao preço de 1200, naturalmente aparece incomivel.

Hão-de torna-lo pessimo para desgostar, para obterem as novas e inconfessaveis ganhuças. Carece-se, desde já, acautelar tal roubo de que são capazes — os que vendiam o trigo do governo a 1500 reis tomando-o a oito tostões — impondo penas de cadeia aos directores da Moagem por cada manigancia descoberta. É preciso tambem não esquecer o passado.

Ha um ministro que aponta aquele atentado contra a segurança publica, aquele cumulo de delapidação praticado pelas pessoas com quem tem de tratar de novo; logo carece acautelar-se contra elas. O que fez para isso? Qual será o regulamento do fabrico do pão? Tudo quanto se fizer para espartilhar as ambições de lucro desse organismo insaciavel é pouco e todos os cuidados não bastam.

Eu, farto de ouvir narrar as proezas moageiras, atacava-os ante o que os ministros demitidos, como Peres Trancoso, vinham dizer. Agora não pode restar mais duvidas, ante a accusação positiva do senhor Joaquim Ribeiro.

Dentro das cadeias estão operarios acusados de agitadores; dentro dos automoveis magnificos passeiam os homens que o titular da agricultura acusa de «desonestos», marca de delapidadores da fazenda nacional, pois outra cousa não é receber trigo do governo para nos dar pão e vende-lo, quasi pelo dobro, deixando-nos á fome. É justo? É logico? Não.

Os agitadores não podem mover-se não tendo atmosfera; quem a cria, todos os dias, são os gananciosos, os exploradores. Logo agita-se e o país aplaude porque todo o homem que não defende o seu pão é um miseravel.

Resta saber qual o castigo dos culpados, de tais manigancias? Descobriu-se-lhe o crime e deixam-se em paz? Continuam gosando o que acumularam por esses meios que o ministro apontou? O governo trata com eles?

Mais uma vez deixo nestas paginas a certeza de que o Destino reserva o castigo tremendo para aqueles deante quem os governantes hoje se curvam mesmo depois de lhes atirarem um libelo formidavel.

